

A Cruz Caldas,

com afectuosa homenagem  
as suas qualidades de amigo e ao  
seu talento de artista, oferecemos

F. de S. Ferreira de Sousa

Mário Alfredo Araújo

Porto, Junho de 1933

*Acílio  
Leandro  
Romariz  
Carvalho*



*Pede versos e versos lhe vou dar...  
Verso-caricatura, verso-esbôço  
Que consiga da vida dêste moço  
Algo de engraçado aqui focar.*

*Engana, é certo, o seu ar enfermicho  
Do que é capaz em luta p'lo amor,  
Pois nunca em casos tais é desertor  
Lutando até ao fim como Magriço.*

*Se se fala no curso em excursão,  
Mesmo antes de alguém o consultar  
E' já certo e sabido êle aceitar  
Ser o guarda-avançado na inscrição.*

*Eu sou a prova e sou a testemunha  
Que p'ra fazer calar de Apolo a fama,  
Basta lembrar Acílio na moirama  
E os triviais idílios na Corunha.*

*Recorda mesmo agora a moira linda,  
Toda feita de gôzo e de pecado,  
Babucha no pèzinho delicado  
E provocante olhar de graça infinda!*

*Filha de Allah e bela tangerina;  
Quizesses tu vender teu coração!  
Vê-lo-ias rezar no Alcorão  
Rendido por beleza tão divina.*

*Trazia o sangue seu tanto a ferver  
Que p'ra apagar o fogo das paixões  
Comeu só de sorvetes... cem milhões  
E não sei se chegou a arrefecer!*

*Corunha, novo sonho, novo idílio...  
Novamente Cupido, o Deus alado,  
Despeja da aljava o ferro eivado  
P'ra cravá-lo no peito do Acílio.*

*Pasmai senhores, pasmai ó puritanos  
Que sendo já casado êste doutor,  
Brinca ainda nos jogos do Amor,  
Semeia dolorosos desenganos.*

*P. S.*

*Porque o doutor faz sebentas  
(E com elas faz dinheiro),  
Embora limpo e asseado  
E' do curso o sebenteiro.*

*Gosta tanto de cinema,  
que eu ouvi dizer um dia:  
«Foi no corpo das estrêlas  
Que estudou a anatomia!».*

*Desenho de Cruz Caldas  
Versos de Braz Regueiro*

# Alfredo Augusto Soares Lucas

*Que fôste um bom bôrguista é incontestável,  
Sem atingir's as raias do excedível.  
Contar as borgas todas é impossível,  
Porque era começar o interminável.*

*No jôgo do bilhar és admiravel,  
Na caça da perdiz és invencível!  
E como em tanta coisa és distinguível,  
Um médico serás também notável.*

*E a prova de que não digo o contrário,  
Para o doente rico ou para o op'rário  
Terás sempre de pronto um refrigerio.*

*Acabas-lhe de vez com o martírio,  
Mandando a sua Alma para o Empíreo  
E o corpo num caixão p'ra o cemitério!*



# João Ferreira de Souza

Nascera nesta cidade  
de Sonho! o doutor que eu canto  
inspirado na trindade:  
O Amor, a Saúde e o Pranto!

—Orfão já de tenros anos,  
tem formidáveis ideias!  
Ou sangue de transmontanos  
não fervesse em suas veias!

Teve sempre inclinação  
—embora seja por sina—  
para adorar a Instrução  
e formar-se em Medicina.

Já sobre Curvo Semêdo,  
fez um trabalho, o doutor,  
onde revela bem cedo  
qualidades de valor.

A sua alma é socialista,  
liberal seu coração,  
e dentro da sua vista  
anda o olhar da Razão!

É do Amor, bom pescador,  
por ao Amor querer bem...  
(E ninguém, senhor doutor,  
pesca donde o Amor provém!

—Mas isto são contos largos,  
filosofia demais...)  
—Deixemos prantos amargos,  
toca a gozar, ó mortais!

De Marrocos, que o encantou,  
fala com tanta afeição,  
que por certo lá deixou  
parte do seu coração...

Rabat, Mazagão, Tetuan,  
terras de divas formosas  
que por êste «D. Juan»  
ficaram todas chorosas.

Casablanca—terra linda—  
outro Paris a florir!  
Talvez o doutor, ainda,  
julgue estar no Bourzebir...

Ninfas, que amais o doutor,  
não vos deveis afligir,  
que às escondidas o Amor,  
fácil é de repartir...

Morenas, em fogo e flor,  
se sofreis de qualquer cousa,  
consultai já o doutor  
João Ferreira de Souza.

Álvaro J. Campos.



Alto, cabelo loiro, passo largo,  
Olhinhos de bichano que anda às gatas,  
E nada metidico em zaragatas  
Só para honrar o seu futuro cargo.

Incapaz de cantar em serenatas  
Nunca teve, porém qualquer embargo  
Em vencer um amor, por mais amargo,  
Porque p'ra êle, Amor, tem cataratas.

Leitoras que me ledes tomai tento,  
Que não se prenda o vosso pensamento  
No anzol dêste astuto pescador...

Que êle é um cemitério de ilusões,  
Onde vão sepultar-se os corações,  
Que mata o bisturi do seu amor!

Francisco de Matos.

Desenho de Cruz Caldas

**João  
de  
Souza  
Brògueira**



Um día a mão subtil dum génio criador  
Modelou com suma arte em gêsso alabastrino  
Um ser alvinitente a quem, um deus mofino,  
Depois, com fúria má, fuscou a nívea côr!

Cumprindo a fatal sina — uma sina bem alta —  
O ser chega a doutor; contudo o negro fado,  
Perverso uma vez mais, fá-lo um «Zé do Telhado»  
Que não rouba mas *crava* em cigarros a *malta*.

E' e tem sido sempre um esp'ritualista,  
Mas, se natural, digna e firme evolução,  
O fez passar do papa a Zwinglio e a não-cristão,  
E' justo esperar dele um gran mat'rialista.

E ora mais que a judia — a cruel Salomé —  
Moreno tem o rosto... andou Faetonte perto,  
Tão próximo que alguém, num desabafo, esperto,  
Lhe rosou: «Julga estar ainda lá na Guiné!»

Por toda a parte o ouvis, deslumbrado, a falar  
Nas vantagens do esp'ranto, essa língua sem côr,  
Que do Bóreas ao Austro e de Iorque a Timor,  
Servia p'ra instruir no verbo ser e amar.

# Mário Alfredo de Araujo

Um nariz autoritário  
Uns óculos de furta-côres:  
Aqui têm o doutor Mário  
Da Faculdade de Amores.

Em Lamas, risonha aldeia,  
Nasceu um dia um menino  
Com cara de lua cheia  
E o tamanho dum pepino.

Nasceu..... vestiu-se e pediu  
Para escrever num papel,  
Que o papá ao ler, sorriu:  
"Eu quero ser bacharel".

Sendo o primeiro pedido,  
Vá de fazer-lhe a vontade;  
E já menino crescido  
Cá surgiu na Faculdade.

Surgiu, e com tal ardor  
Se embrenha nas medicinas,  
Que sendo quási doutor  
Já medica... p'rás meninas!

Certo dia, em excursão,  
Embarcou no «Lidador»...  
E viu Ceuta, Tetuão,  
Tânger, Rabat e Azamor.

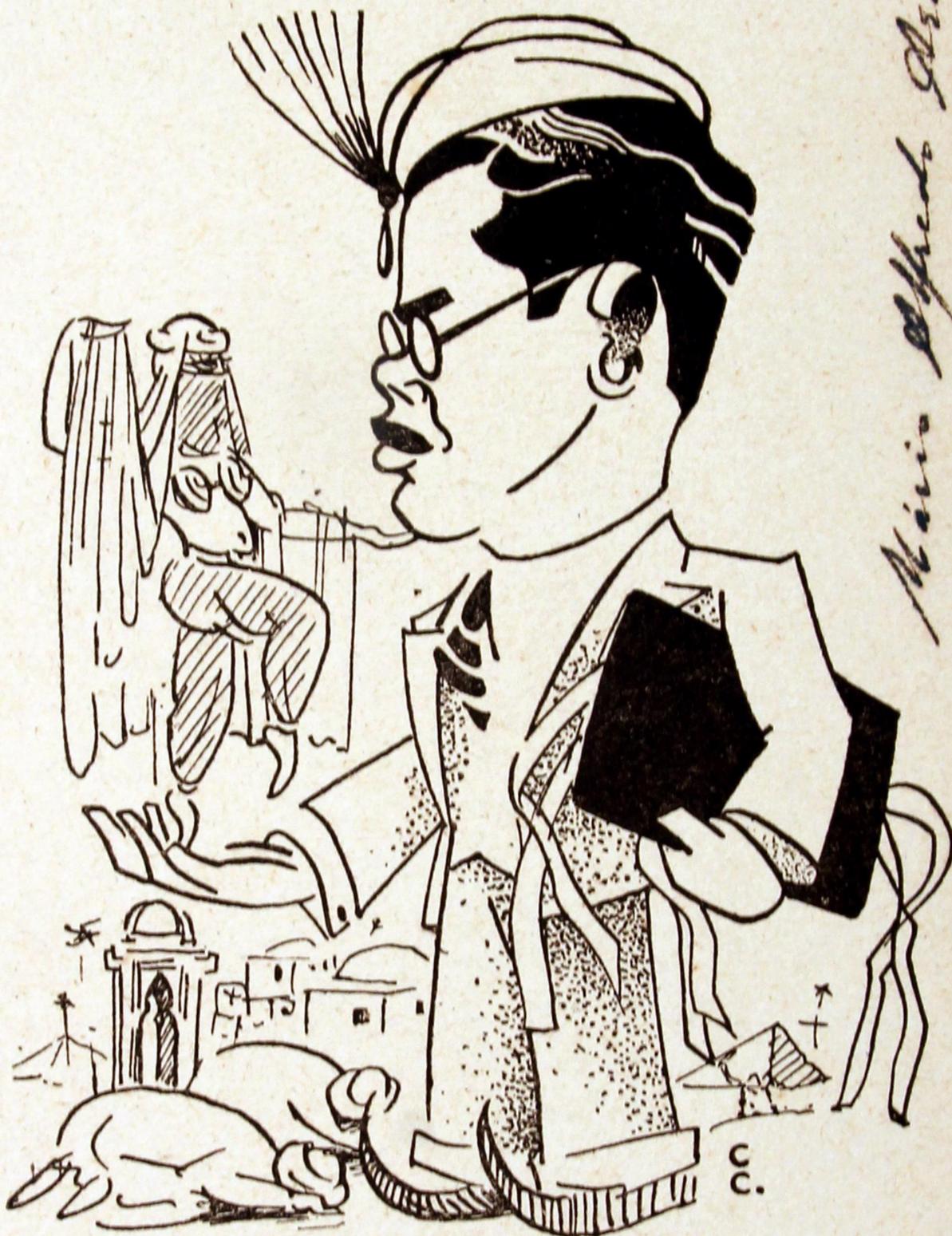
No Marrocos encantado,  
Cheio de sonho e mistério  
Onde tudo anda ligado  
Ao Portugal do Império,

Viu as moiras da moirama  
De cara toda velada,  
Judias lindas, de fama  
É de alma enamorada;

Recordou contos de fadas  
Que lhe contava á lareira  
Nessas noites de invernadas  
A avózinha borralheira.

Teve espanholas, francêsas,  
Mestiças de olhos em brasa,  
E até certa *tangerina*  
O quiz lá fechar em casa!

Correndo as coisas assim  
Por essas terras moiriscas,  
Sonhou ser Ab-del-Krim  
Num harém com odaliscas.



Mário Alfredo Araujo

Alguém lhe disse do lado:  
"Tem cuidado co'as paixões  
Ou queres teu peito mudado  
Em Sociedade das Nações?"

Afinal para honra nossa  
O doutor ainda voltou  
Para bem de certa moça  
A quem eterno amor jurou.

Desenho de Cruz Caldas  
Versos de Ferreira de Souza

# Rui Bordalo Machado



O Bordalo!...

Não conheceis o Bordalo?...

Fique, embora, a duvidar  
De qu' isso seja verdade  
Eu vou dele, então, falar  
Com a maior sinceridade...

Tal tarefa, porém, faço  
Mas, evitando gabá-lo  
Ao Bordalo.

O seu curso de doutor  
Está em vias de acabá-lo  
O Bordalo

Qu' enquanto foi estudante  
Viveu sempre com regalo  
O Bordalo.

Mas agora vão as fitas  
Ao mundo recomendá-lo  
Ao Bordalo.

E, enfim, médico, hei-de vê-lo  
Co'uma clínica de estalo  
O Bordalo.

Ponho aqui ponto final  
Por não ter mais rima em *alo*  
P'ra Bordalo...

Mas não leves tu a mal  
Se de ti eu não mais falo,  
O Bordalo!...

Desenho de Cruz Caldas  
Versos de Beirão Reis